

ESCLARECIMENTOS SÔBRE O PROTESTANTISMO

1.

PE. ANTÔNIO MIRANDA, S.D.N.

Lobo em Peles de Ovelha

REFUTAÇÃO DO FOLHETO
"QUE E' UM PROTESTANTE"

EDITORA «O LUTADOR»

Manhumirim — Minas

1958

LOBO EM PELES DE OVELHA

ESCLARECIMENTOS SOBRE O PROTESTANTISMO

1.

PE. ANTÔNIO MIRANDA, S.D.N.

Lobo em Peles de Ovelha

REFUTAÇÃO DO FOLHETO
"QUE É UM PROTESTANTE"

EDITORA «O LUTADOR»

Manhumirim — Minas

1958

I M P R I M A T U R

C a r a t i n g a, 27.12.57

† *José Eugênio Corrêa*
Bispo de Caratinga

INTRODUÇÃO

Jesus Cristo no Santo Evangelho teve o cuidado de prevenir a todos os homens contra os falsos profetas, ou falsos mensageiros, que haveriam de aparecer, falando em nome d'Ele.

“Tomai cuidado! Que ninguém vos engane! Porque aparecerão muitos em meu nome, dizendo: — Eu sou o Cristo! E a muitos hão-de enganar”. — (Mateus, 24: 4 e 5). A mesma advertência é repetida no mesmo capítulo de S. Mateus, versículos além: 11 e 24.

E bem antes o Senhor descrevera o espírito falsário destes enganadores numa frase que se tornou proverbial: “Cuidado com os falsos profetas que vêm a vós vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores! Pelos seus frutos é que os conhecereis”. (Mateus, 7: 15 e 16).

Jesus não teria dito estas e outras palavras se o mundo estivesse imune da heresia após a Redenção que se produziu no Calvário.

O erro, a mentira, a falsidade continuariam a ameaçar a Santa Igreja através dos tempos. Mesmo assistida divinamente, a Igreja de Cristo sofreria a sanha do demônio, e muitos de seus filhos succumbiriam ao mal.

Por isto, o Mestre prometeu a Pedro, a quem constituiu Chefe da Igreja: "Pedro, eu roguei por ti para que a tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, confirma na fé a teus irmãos". — (Luc. 22: 32).

Estamos, assim, diante de duplo fato, divinamente enunciado: aparecerão através dos séculos muitos sequazes de Satanás para seduzir as almas e buscarão joeirar a Igreja como ao trigo (Luc. 22: 31) mas uma autoridade, a de Pedro, terá a capacidade divina de vencer o mal e o erro, porque a oração de Jesus é infalível.

No rebanho de Cristo, imenso como a humanidade, travar-se-á sempre a luta entre o Pastor verdadeiro e o lobo roubador (João, 10:11-13) que aparece rebuçado com peles de ovelha.

Os que já leram obras contrárias à Igreja, ou que já ouviram alocações de pastores protestantes, sabem quanto é verdadeira a profecia de Jesus no Evangelho. Os lobos devoradores, que são milhares de seitas, rondam o redil do Senhor. Mas, nos meios católicos, não raro, estes lobos apresentam a feição de mansos cordeiros.

Um exemplo típico, têmo-lo no panfleto que ora nos propomos refutar.

Intitula-se: "QUE E' UM PROTESTANTE" e vem assinado por F. A. Mcreece uma referência para servir de aviso aos católicos do interior.

Neste boletim, o protestante se apresenta com roupagens novas e diferentes das de costume em seus panfletos.

Quase sempre, o Protestantismo se tem lançado à liça de lança em riste contra a Igreja. Furibundo, às vêzes blasfemo, limita-se a *PROTESTAR* e *ATACAR* a doutrina católica. Impugna o culto das imagens, impugna a maternidade divina de Nossa Senhora, impugna a presença real de Cristo na Eucaristia, impugna a autoridade do Papa, etc., etc.

No bilhete em aprêço, muda-se o teor de angariar prosélitos. O subscrevente aparece macio, maneiroso, fazendo crer que não há diferença entre o protestante e o católico verdadeiro.

E' errôneo pensar que protestante é "praga maldita, herege, erva daninha". "Não" — diz o pequeno escritor. — "O católico inteligente pode ver que o protestante é honesto, bom, só deseja o bem de todos e só pratica a virtude e vive a doutrina de Jesus Cristo".

Entretanto, o folhetim em questão não escapa ao ridículo de sempre a que se expõem os escritos protestantes: no fundo, os mesmos erros doutrinários, as mesmas contradições, os mesmos sofismas. O veneno é o mesmo; a crosta da pílula é que é mais açucarada.

Examinemos sucintamente os tópicos principais e refutemo-los.

I

OS PROTESTANTES SÃO HONESTOS

Eis como inicia o signatário do panfleto:

"Então você está alarmado com as informações que recebeu acêrca dos protestantes?... Mas você é inteligente, e com umas poucas considerações e o uso de seu valioso bom senso poderá verificar que não é assim. Por exemplo: As cadeias não estão cheias dêles. O capelão católico romano da Penitenciária de São Paulo, na qual há milhares de criminosos, argumentava com o diretor daquele presídio que não havia necessidade de nenhuma assistência espiritual evangélica aos detentos, porque lá não existiam protestantes, apesar de não ser pequeno o número dêles no Estado de São Paulo. Só na capital há dezenas de suas igrejas. Se esta gente fôsse mesmo péssima, numerosos seriam seus representantes nos presídios... Você já deve ter notado que esta gente não bebe, não se embriaga, não joga, não faz

rifa... São inimigos declarados de todos os vícios sociais"...

Como se vê, um argumento impressionante! Não há protestantes na Penitenciária de São Paulo. Ali só existem católicos. Logo, não se pode ter o protestante em má conta. Em má conta se deve ter antes o Catolicismo que o Protestantismo, que êste só forma cidadãos honestos, e aquêle produz viciados.

Mas raciocinemos com lógica e caridade, amigo protestante!

Nunca, jamais, foi argumento da Igreja contra o Protestantismo, que os protestantes sejam todos uma raça de degenerados. Reconhecemos, perfeitamente, a existência de honestos e bons cidadãos no seio do Protestantismo. Reconhecemos mesmo que há, entre os que se dizem católicos, não poucos muito inferiores aos *bons protestantes*.

E' isto um argumento a favor do Protestantismo e contra o Catolicismo?

De modo algum. Os bons protestantes são honestos, como os bons budistas, os bons pagãos da antiga Roma e os bons ateus práticos de tôdas as idades.

O fato de não cair nas garras da polícia nem ir parar entre as grades de uma penitenciária é honestidade simplesmente negativa. Não cometer crimes abertos não é título de justificação.

Haverá mesmo nas enxovias e nos cárceres muita gente contrita e arrependida de seus crimes e justificada pela penitência interior e sincera. E há muitos salafários cá fora, principalmente em postos de administração pública, a roubar como rato da barriga branca, e a fornicar, e a jogar, como sabemos, e que, entretanto, se têm na conta de honestos cidadãos, e até prestimosos à Pátria!

Nas cadeias há mais católicos que protestantes? Distingo: *verdadeiros católicos*, que vivem integralmente a sua fé católica, não; *católicos de nome*, sim.

Há nos cárceres poucos protestantes? Concedo, porque, de fato, os protestantes não são tantos por comparação aos católicos.

Não é verdade, porém, que não exista nenhum protestante nas cadeias. Podia ser que, ao tempo do aludido argumento do Capelão da Penitenciária de S. Paulo, ali não existisse protestante algum. Mas isto é mera coincidência, que nada prova a favor do protestantismo, nem contra o catolicismo.

Os crimes punidos nas prisões são execrados pelo catolicismo tão bem quanto pelo protestantismo. Se católicos os cometeram, isto não aconteceu porque *católicos* e sim porque *maus católicos*.

A argumentação do nosso panfletário,

com que intenta ludibriar, mansamente, o povo simples é, mais uma vez, o modo ridículo com que argumenta sempre o protestantismo no Brasil.

II

A PRÊGAÇÃO DOS PASTORES

"Tenho ouvido prêgações feitas por pastores protestantes e sempre notei que dão muita ênfase ao cristianismo na sua pureza e simplicidade, exigindo que o pecador se arrependa dos seus pecados, entregue o coração a Nosso Senhor Jesus Cristo e viva uma vida de pureza, de caridade, espiritualidade", etc., etc., — diz o panfletário.

Estamos de acôrdo quanto a êste fato. Mas "o Cristianismo em sua pureza" é sòmente isto? Nosso Senhor pediu sòmente que lhe entregássemos o coração, num ofertório simplesmente espiritual e sentimental, e que fôssemos caridosos e bons?

Sabemos que Nosso Senhor fundou uma Igreja sôbre Pedro, Chefe dos Apóstolos: — *"Tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela".* (Mat. 16: 18). A

Igreja VERDADEIRA, portanto, deve ser aquela que Cristo fundou sôbre Pedro e contra ela as fôrças do inferno (isto é, o êrro, o engano, o mal) não poderiam prevalecer.

Ora, onde está esta Igreja? Esta é a que deve ter "o Cristianismo em sua pureza". Os que contra ela se insurgem, ainda que venham dizendo: "Aqui está o Cristo" ou "Ei-lo acolá!" não podem trazer o "cristianismo em sua pureza" senão de nome, pois estão fora da Igreja verdadeira de Cristo.

Que tal, amigo protestante? "Nem todo aquêlê que diz: "Senhor, Senhor!" entrará no reino dos céus, mas sim aquêlê que faz a vontade do Pai". (Mat. 7: 21) — diz Jesus. Portanto, não basta prègar o nome de Jesus: é preciso fazer-lhe a vontade, estar em sua Igreja, e sobretudo, certamente, não atacar esta Igreja...

"Quem não está comigo está contra mim" (Mat. 12: 30) — sentenciou também Nosso Senhor. Ora, se o protestante está contra a Igreja de Cristo, como pode estar com Cristo? Logo, estará inevitavelmente contra Êle. Não há meio têrmo.

Falar que devemos ser honestos, bons, tolerantes, caridosos, não é argumento de autenticidade divina. Também o anjo das trevas se reveste de Anjo de luz. E há pelo mundo afora muito patife e malandro que

apregoa a honestidade e a caridade, sem nunca pensar no "Cristianismo em sua pureza e simplicidade".

Não queremos negar a boa fé de alguns pastores, de modo algum. Tudo o que pregam pode nascer-lhes do íntimo do peito, em que repouse uma convicção. Mas isso não tem nenhum valor probatório objetivo de que a Igreja está errada e o Protestantismo, certo...

* * *

Prossegue ainda o nosso panfletário:

"Dão (as pregações dos pastores) também, muita importância às boas obras, dizendo que a fé sem as obras é morta, segundo o ensino de São Tiago".

Aqui apanhamos o protestante em dolorosa contradição com o seu protestantismo. Sabemos ser doutrina corrente do protestantismo a *justificação pela fé somente*. Desde os tempos de Lutero, foi nesta heresia que o Protestantismo se especializou — podemos dizer. Lutero chegou mesmo a falsificar o texto de São Paulo: *"Arbitramur justificare hominem per fidem sine operibus legis"*, (1) ino-

(1) «Julgamos que o homem se justifica pela fé, sem as obras da lei».

vando-o para: "*Arbitramur justificare hominem per fidem solam sine operibus*". (2) E a Epístola de S. Tiago, o heresiarca denominou, blasfemamente, "*epístola de palha, apócrifa, expulsa das Escrituras*".

Agora, vem-nos dizer o caro protestante que os pastores de hoje estão prègando em novo tom, igualzinho ao da Igreja. Parabéns aos Srs. Pastores! Então, afinal, a Igreja estava certa, e o Protestantismo andou errado nos começos, para acertar enfim com a doutrina tradicional da Igreja?!

Se mudas, estás errado, ó Protestantismo!

A invariabilidade na sua doutrina substancial foi sempre um distintivo da Igreja de Nosso Senhor. Seus membros tiveram fragilidades e pecados a lamentar e ensinaram até erros. Mas a Igreja, sociedade divina instituída enquanto SOCIEDADE, depositária da doutrina, condenou os erros sempre, e ensinou sempre a mesma coisa em tôda a sua existência, desde os Apóstolos até hoje.

O Protestantismo, ao contrário, é a balbúrdia doutrinária que aí vemos. Interessante seria um inquérito entre os Pastores pro-

(2) «Julgamos que o homem se justifica sòmente pela fé, sem obras».

testantes do Brasil, para se apurar a celeuma dogmática de suas prègações.

Não vêem êles, neste fato, o testemunho prático e lógico de que Cristo não podia deixar a sua Igreja sem uma autoridade centralizadora que fruisse do privilégio da infalibilidade?

III

O PROTESTANTISMO DEMOCRÁTICO

O texto que vamos examinar agora é mais que ridículo. E' mesmo pândego. Não sei como o nosso protestante teve coragem de rabiscá-lo. Ei-lo:

"Além disso devemos notar que há muita gente boa neste mundo que é protestante. A última guerra faz-nos pensar muito nos Estados Unidos e na Inglaterra. Pois, meu caro, êstes dois países são protestantes. O Presidente Roosevelt, que conquistou o coração do mundo aliado, foi muito bom protestante. Aquêlê grande país tem sido governado por protestantes. Seus cidadãos são liberais, altruístas e corajosos defensores da liberdade. Sacrificaram-se para libertar o mundo da ameaça das ditaduras e hoje procuram, generosamente, alimentar os famintos da Europa. Vejam como foram cortezes e atenciosos com Sua Santidade o Papa, a quem libertaram das graças (sic) dos ditadores. En-

tão você não sabe que a Democracia foi salva pelo Protestantismo? Ou você não gosta da Democracia? Isso não creio. Ser livre é muito melhor do que ser escravo".

Engraçadinho êste modo de argumentar, como vêem os leitores.

"Há muita gente boa neste mundo que é protestante". Apoiado. E cremos que o panfletista está no número desta "gente boa". Também há muita gente boa que é católica, não é mesmo? E então? Que concluir? Necessariamente se conclui que ter gente boa em seu seio não é prova de verdadeira religião. Principalmente quando a "bondade" desta "gente boa" é a "bondadezinha comum", negativa, que consiste em "não matar", "não roubar", "não estar na cadeia de São Paulo", "não jogar rifa e loteria", não é mesmo, meu caro protestante?

Eu, por minha parte, se quisesse usar do argumento "ad hominem", diria ao caro amigo: "Houve e há muita gente santa, que praticou e pratica acendradas virtudes, que soube e sabe dar o sangue e a vida pelos seus irmãos, como os missionários, as abnegadas irmãs de caridade, etc. E esta gente "verdadeiramente santa", só se encontra na Igreja Católica Romana. Ainda não vimos um sequer no Protestantismo, embora nêles haja gente boa. O amigo me apresente um

S. Vicente de Paulo, no Protestantismo de outrora, um Padre Damião, o leproso, no Protestantismo hodierno, uma abnegada Irmã de Caridade nos seus hospitais, etc., etc. Onde estão êles?

Gente boa, o Protestantismo pode produzir, porque há um grau de bondade natural que viceja por fôrça de ideais simplesmente humanos. Gente santa, porém, que faça da virtude profissão heróica (ministros que guardem a castidade perfeita por amor de Cristo, p. ex., e virgens que se devotem ao serviço da infância desvalida ou dos enfermos...) o Protestantismo não os tem e não os terá jamais.

Por quê? Porque o ramo separado do tronco não tem mais vida. E o Protestantismo é um galho morto que se separou da árvore de Cristo que é a Igreja. Falta-lhe a seiva da graça, única que dá fôrças e heroísmo às almas.

Jesus disse no Evangelho de São João (15, 1-4):

"Eu sou a videira genuína e meu pai é o agricultor. Todo o ramo que não der fruto em mim, êle o cortará, e todo o que der fruto, êle podá-lo-á, para que produza mais frutos... Como o ramo não pode dar frutos por si mesmo, se não permanecer na videira, assim nem vós se não permanecerdes em mim".

Este tópico evangélico explica a Reforma protestante e as suas circunstâncias históricas. No século XVI, havia muito ramo na vide de Cristo que não produzia frutos de santidade. Infiéis à graça. Foi preciso podar a videira, poi preciso cortar êsses ramos inúteis. Lutero foi o primeiro a cair nesta derubada colossal, que tanto beneficiou a Igreja de Deus. As várias seitas são hoje galhos decepados... Que fruto de santidade podem produzir? Nenhum.

O protestante que refletir, séria e desapassionadamente, só poderá encontrar um meio de santificar-se, desde que não queira ser sòmente "bonzinho" e livre da Penitenciária de São Paulo, como o nosso amigo panfletista. Este meio é: o retôrno sincero à vide verdadeira de Cristo, que não pode ser senão a Igreja fundada sôbre Pedro, e que continua a produzir frutos de santidade e heroísmo.

Elogiar Roosevelt e os Estados Unidos como gente boa e protestante, pouco vale para o Protestantismo. Este é o que é.

Querer atribuir a preservação da Democracia ao Protestantismo, é ridículo, meu amigo.

Muita gente católica (haja vista os nossos brasileiros que dormem o eterno sono em Pistoia) deu o seu sangue pela Democracia. Não se há de negar o que Tio San fêz

pela causa da Democracia. Mas Tio San é Tio San, e Protestantismo é outra coisa.

Os cidadãos que salvaram a Democracia (e não eram todos protestantes) "foram cortezes e atenciosos com Sua Santidade o Papa, a quem libertaram das garras dos ditadores" — diz o panfletário.

Que tenham sido "cortezes e atenciosos com Sua Santidade", ninguém o nega. Mas isto não foi, certamente, fruto do espírito protestante. O espírito protestante é muito outro.

Estamos vendo, desde Lutero, o ódio feroz e desassisado que o protestantismo vota ao Papa. Lutero dizia horrores contra o Pontífice Romano. E' conhecido o seu brado infeliz: "*Pestis eram vivens, moriens ero mors tua, Papa!*" — "*Em vida eu era a tua peste, morrendo, serei tua morte, ó Papa!*" E' conhecida também a divisa que deixou aos seus correligionários e amigos, como sinal da triste Reforma: "*Odium in Papam!*" — "*Ódio ao Papa!*" (1) E' também sabido que um dos livros mais infames e sujos com que Lutero encerrou sua carreira literária foi o que se intitula: "*Contra o Papado de Roma, fundado pelo Demônio*".

E a animosidade contra o Supremo Chefe da Igreja de Cristo é uma herança malfada.

(1) Cf. GRIZAR — *Luther*, 394.

zeja, que passou, principalmente, ao Protestantismo do Brasil. E' de se ver como são cheios de insultos ao Papa os escritos protestantes.

Abra-se, por. ex., um livro-mestre do protestantismo no Brasil — o do Sr. Ernesto Luis de Oliveira. A idéia de ódio ao Papa salta aos olhos do leitor apenas dá com o cabeçalho da obra: "*Roma, a Igreja e o Anti-Cristo*". O conteúdo do texto confirma a evocação do título: não é senão a bÍlis amarga do Protestantismo o que ali se vomita contra o Papa.

O espírito verdadeiro do protestantismo não é uma virtude; é um vício: atacar o Papa.

Se a gente protestante dos Estados Unidos não desrespeitou e não desrespeita o Papa é porque não herdou o espírito próprio da seita. E se os supostos "salvadores da Democracia" foram "cortezes com o Papa", isto não se deu porque eram protestantes, mas sim porque eram educados e humanos. E sobretudo inteligentes. Compreenderam o que a autoridade do Papa representa para a preservação da Democracia no mundo conturbado de nossos dias (2)

* * *

(2) Só os protestantes do Brasil, com seu vêzo de menos-

Tirada pernóstica e grotesca é esta do escrevinhador protestante, quando diz: *"Então você não sabe que a Democracia foi salva pelo Protestantismo? Ou você não gosta da Democracia? Isso não creio"*.

Ora, haverá gente que "coma" essa? A Democracia salva pelo Protestantismo! Pucha, bicho! Democracia é artigo fino, meu velho.

E não é assim que se engana o povo brasileiro, cansado já de tanta demagogia.

Ora vejam: até os pastores protestantes querem fazer demagogia com o termo Democracia. O Protestantismo salvou a Democracia... por isto, todos nós devemos comprar uma Bíblia protestante, renunciar nossa fé católica e...

Esta ficará célebre. O maior argumento de um protestante para "converter" um católico: *"Então, você não sabe que a Democracia foi salva pelo Protestantismo? Ou você*

prezar o Papa, desconhecem o que êle tem feito pela preservação das democracias.

O Papa Pio XI antes da última guerra foi o primeiro a condenar as ditaduras. Haja vista os monumentais documentos: «Non abbiamo bisogno» e «Mit brennender sorgen», em que condenou o fascismo e o nazismo. E os discursos do Pontífice reinante sobre o assunto são tão numerosos e tão atuais que podemos dispensar-nos de mencioná-los.

não gosta da Democracia? Isto não creio. Você deve, pois, ser protestante para ser democrático”.

Esta é a última e a mais fina que as revistas humorísticas do país não deviam deixar perder-se.

O protestante é humoristicamente democrático.

IV

O PROTESTANTISMO E A CULTURA

Mais um pedacinho do panfleto protestante:

"Quanto a serem os protestantes ignorantes e analfabetos, como você ouviu dizer, é outra coisa que merece meditação cuidadosa. Não sei se você sabe que o protestante ao batizar os filhos faz promessa de mandar ensinar-lhes a ler. Sendo a *Escritura Sagrada* o livro fundamental da religião protestante, a qual precisa ser lida por todos, para conhecerem a vontade de Deus, tornaram-se eles, no mundo, os maiores amigos da alfabetização. Imagine o que seria o nosso querido Brasil se nestes últimos quatrocentos anos todos os brasileiros tivessem feito essa promessa que fazem os protestantes no ato do batismo dos filhos! Não há dúvida que não teríamos, como agora, mais de 60% de analfabetos! E você sabe que o analfabetismo é o entrave do verdadeiro progresso. E

se você considerar os países protestantes do mundo, comparando-os com os demais não protestantes, nessa questão de instrução e alfabetização, ficará realmente surpreso. A instrução é extraordinariamente mais desenvolvida nos países protestantes, como nos Estados Unidos, Inglaterra, Suíça, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, etc., do que em outros que não o são, como nos países da América Latina, Portugal, Espanha, Itália, etc. E a razão, como vimos, é óbvia. O Protestantismo, com seu livro básico, é em si uma cultura".

Como se vê, o amigo não quer que chamemos os protestantes de "ignorantes e analfabetos". Porque "o protestante ao batizar os filhos faz promessa de mandar ensinar-lhes a ler".

Isto nos mostra já que protestantes também fazem promessa, o que tanto condenam nos católicos... Mas tal promessa protestante não exime os crentes da ignorância religiosa afetada.

Uma cousa é ser analfabeto; outra cousa, apesar de ser alfabetizado, é não querer conhecer a verdade cristalina, provada mil vezes. E' neste sentido que chamamos os protestantes de ignorantes. Nunca os chamamos de analfabetos. Dizemos que são ignorantes de uma ignorância propositada, porque não

buscam, com sinceridade, conhecer a verdadeira religião. É um fato provado depois de tanta polêmica e de tanto debate doutrinário.

O Protestantismo vem sendo refutado desde o berço, e nunca aceitou a verdade. Conhece o amigo protestante a história das numerosas disputas havidas nos primórdios da Reforma entre o Dr. Eck e Lutero com seus comparsas?

Que fato mais frisante, p. ex., do que o da celeberrima Dieta de Augsburgo? Melancthon, representante de Lutero, apresenta naquela assembléia a súpula da nova doutrina protestante que passou à história com o nome de "Confessio Augustana". Era, aliás, uma fórmula doutrinária ardilosa, como notam vários historiadores, pois os erros impugnados pela Igreja estão cautelosamente velados. Os teólogos católicos opõem àquela súpula a chamada "Confutatio Augustana", que desmascara todos os erros protestantes. Qual a resposta destes? Grosserias, obstinação, ataques soezes à pessoa de eminentes doutores católicos. O próprio Imperador Carlos V convocou então seis membros do protestantismo e seis membros do catolicismo. Resultado dos debates: refutação completa dos erros dos reformadores, agastamentos destes, novos insultos pes-

soais, pertinácia contra a verdade demonstrada (1).

Os amigos protestantes precisam muito de ler a história da Reforma para saberem como nasceu o Protestantismo; de que charco de lama vieram os reformadores; que pertinácia e má fé os distinguiu...

Mas não querem buscar o conhecimento da verdade. Porque a verdade lhes é dura, causticante à consciência falsificada.

Dáí o dizemos que o Protestantismo é ignorante. Isto é, *ignorante pertinaz*, que não quer reconhecer a verdade provada. E êste é o pior ignorante.

Hoje ainda o Protestantismo é assim. Não refutamos mil vêzes as suas objeções? Outros não os refutaram, clarissimamente, irretorquivelmente, antes de nós? Mas a contumácia, o cabeçudismo é o característico do protestante.

Haverá, p. ex., no Brasil, mais capital refutação do Protestantismo, até hoje sem réplica, do que o livro "*A Igreja, a Reforma e a Civilização*" do Pe. Leonel Franca? Vários luminares das seitas tentaram uma confutação à obra daquele Jesuíta. Quando Leonel Franca voltou a examinar quanto diziam os seus contendores, o que encontrou? A repetição dos mesmos erros já refutados, a mes-

(1) Leia-se WIEDEMAN, *Johannes Eck*, p. 271.

ma argumentação sem originalidade, os mesmos ataques infundados à Igreja e ao Papa.

Os protestantes do Brasil deviam ler, com serenidade e lealdade, os seguintes livros do Pe. Leonel Franca: *"A Igreja, a Reforma e a Civilização"*, *"O Protestantismo no Brasil"*, e *"Catolicismo e Protestantismo"*.

Leiam-nos e comparem-nos com as obras nêles rebatidas. Mas leiam com probidade, pesquisando realmente a verdade...

Eu poderia lembrar ainda a obra tôda do nosso Pe. Júlio Maria, êste formidável "martelo da heresia no Brasil", como o cognominou um crítico católico. (2). Mas sei que os protestantes têm medo do estilo vigoroso, às vêzes brabo, com que êle expunha a verdade. Pe. Júlio Maria era semelhante ao Mestre-escola, já cansado da insubordinação dos alunos rebeldes; não se podia conter ante a teimosia e a ignorância obstinadas dos filhos de Lutero. E metia-lhes a régua na cabeça, ao mesmo tempo que lhes ensinava a lição. Por isto, os protestantes o prezam pouco, se não lhe têm, quem sabe, verdadeiro ódio.

O Pe. Leonel Franca foi de sobrólho me-

(2) Entre as obras do Pe. Júlio Maria, salientemos: «Luz nas Trevas», «Ataques Protestantes», «O Diabo, Lutero e o Protestantismo», «Balbúrdia protestante», «Sol Eucarístico»,

nas carregado. Literato e Mestre de Universidade, que não experimentara as rudezas do protestantismo provinciano, escreveu de feição mais branda, preferindo usar sempre a arte do sarcasmo fino, muito embora empunhe, também, vez por outra, a férula impiedosa e dura contra os recalitrantes.

Que os amigos protestantes o leiam e releiam sem paixão e ciosos da verdade... e é possível que muitos venham, então, a encontrar o verdadeiro redil de Jesus Cristo.

* * *

Nosso protestante, no boletim em apreço, evoca, por ex., uns pontos de vista rancosos sôbre cultura protestante, que, se houvera lido a obra de Leonel Franca, de certo não teria coragem de evocar.

Com documentação muito profusa, aquêle ilustrado autor demonstrou como, desde os seus primórdios, o Protestantismo foi um empecilho à cultura sob todos os aspectos. Leiam bem o § 2 do cap. II no livro III de "A Igreja, a Reforma e a Civilização".

Os princípios do próprio heresiarca Lutero continham em germe a destruição da

todos livros de refutação ao Protestantismo, alguns dêles, infelizmente, por ora esgotados.

cultura. "É necessário reduzir a inteligência e a razão ao estado de faculdades latentes e mortas em que se acham na infância; só assim poderemos chegar à fé" — ensina Lutero. — Noutro lugar êle diz: "A razão é diametralmente oposta à fé; o verdadeiro crente nada tem a ver com ela. Mais. Incumbe-lhe o dever de destruí-la inteiramente e sepultá-la".

Estão vendo os Srs. Protestantes? Aí vai a origem de toda a erosão cultural, sob pretexto de salvar a fé.

Não. A Igreja jamais quis uma fé cega, que exija os destroços da razão.

Mas não é só. Lutero prègou contra as escolas e universidades. Chamou-as "espe-luncas de assassinos", "templos de Moloch", "cidades do Diabo".

Dizia êle: "O deus Moloch, a que os hebreus sacrificaram seus filhos, é hoje representado pelas universidades às quais imolamos a maior e melhor parte da nossa juventude..." E depois: "As escolas superiores deveriam ser destruídas até aos alicerces; desde que o mundo é mundo nunca houve instituição mais diabólica, mais infernal".

E com tais princípios pode-se dizer que o Protestantismo haja feito algo pela cultura e pela ciência?

Harnack chegou a afirmar: "A Reforma sepultou injusta e odiosamente muitos co-

nhecimentos de que estavam de posse os seus contemporâneos, tornando-se assim responsável da crise posterior do Protestantismo".

Lutero mesmo se queixou, em 1524, dos maus frutos do Protestantismo, quanto à instrução: "De dia para dia experimentamos como nos países alemães as escolas vão caindo em completa ruína" — diz êle. — "Desde que faltaram os mosteiros e as fundações, já ninguém quer ensinar os próprios filhos e obrigá-los a estudar".

Possivelmente, foi depois destas recriações de Lutero que os protestantes fizeram voto de não deixar os filhos analfabetos, como diz nosso panfletário, porque, como vemos, antes, parece que a mentalidade era outra...

Tudo isto, meu caro protestante, vem diffusamente documentado na obra de Leonel Franca, donde extraio apenas alguns tópicos. Ali se poderão ver, também, as citas das fontes genuínas de que êle hauriu as palavras do Reformador. Dispenso-me de cansar os leitores com extender-me na exposição desta matéria. Poderão lê-la por completo às páginas 394-417 da 4ª ed. — (Civilização Brasileira, 1934), ou às págs. 351-371 da 6ª ed. recente da Livraria Agir Editôra, 1952.

Ali poderão ver também, em páginas cerradas da mais cerrada documentação,

como é sem fundamento de verdade o dizer-se que progrediram as chamadas nações protestantes: Holanda, Suíça, Dinamarca, Suécia, etc., enquanto decaíram as nações católicas (3).

Não são afirmações que Leonel Franca vem aventando em seu livro. São provas inconcussas, documentadas à luz de estatísticas e de estudos mui sérios, não raro à luz de documentos tomados em autores protestantes.

Nosso amigo protestante, como muitos de seus comparsas, limita-se a dizer: "A instrução é extraordinariamente desenvolvida em países protestantes". E as provas? Onde? Redú-las o nosso plumitivo nesta asserção: "E a razão, como vimos, é óbvia. O Protestantismo, com seu livro básico, é em si uma cultura".

Ora esta! Êste "livro básico", meu amigo, não é patrimônio cultural exclusivo dos protestantes. É-o do mundo inteiro. Muito mais e muito antes que o Protestantismo o adotasse, adotou-o a Igreja Católica. Dizer-se ledor da Bíblia não é argumento de prova duma cultura.

A Bíblia, sem dúvida, é um "símbolo da

(3) Veja-se a obra citada, páginas 320-378, ed. 4ª, 1934, ou págs. 290-338 da 6ª ed., Agir, 1952.

cultura religiosa"; mas salta aos olhos que não é a sua leitura que torna um homem culto, principalmente quando esta leitura é feita às cegas, com espírito preconcebido contra a verdade.

O Protestantismo, concluamos com lealdade de observação, está muito longe de representar cultura, principalmente no Brasil.

Que o digam quantos convivem com os nossos crentes e "pastores" e quantos lhes manuseiam os livros, jornais e folhetins, repletos de objeções sedições e argumentos ilógicos.

V

CONTRA A VIRGEM MARIA E O EVANGELHO

Mais além prossegue o nosso protestante:

"Note-se que os protestantes não se levantam contra Deus, contra os santos, contra a Virgem Maria, contra a Escritura Sagrada, contra a dignidade e a liberdade do homem. Protestam, sim, e com muito vigor, contra o pecado, o materialismo prático, o formalismo sem vitalidade"... etc., etc.

E' na verdade, o lobo que se reveste de peles de mansa ovelha. Sabemos muito bem como, em tôda parte e em todo tempo, o protestante não faz senão atacar o culto dos santos e da Santíssima Virgem Maria vindicado pela Igreja.

Ainda agora, no mesmo instante em que refuto o presente panfleto, me chega outro às mãos, intitulado: "Porque não sou Cató-

lico Romano". Nêle reaparecem os ataques de todos os dias, mil vêzes refutados. E ali está sob o n. 9, a velha objeção: "Ave Maria", ordenada pelo Papa João XXII, 1.317 anos *DEPOIS* de Cristo" (sic). Entretanto, "note-se que os protestantes não se levantam contra Deus, contra os Santos, contra a Virgem Maria"!

E abramos aqui um parêntesis. — Ora vejam: "Ave Maria — ordenada pelo Papa João XXII, 1.317 anos depois de Cristo"! — Abro o Evangelho de São Lucas e leio: "No sexto mês foi o Anjo Gabriel enviado por Deus... a uma Virgem... e o nome da Virgem era Maria. E entrando o Anjo onde ela estava, disse-lhe: "Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres". (Luc. I, 26-29). Precisamente a Ave Maria ordenada pelo Papa João XXII, 1.317 anos depois de Cristo! E curioso: é um Anjo enviado por Deus quem a recita pela primeira vez, e no momento mais solene — o da Encarnação do Verbo.

E o protestante ataca a oração da Ave Maria que todos os católicos rezam porque foi rezada por um Anjo enviado por Deus!

Pergunto: não é isto se levantar contra Deus, contra os Anjos, contra a Virgem Maria e contra o Evangelho?

Então, amigo protestante, de nada vale

protestares com vigor contra o pecado se cometes também o pecado. Não é porventura pecado negar a palavra de Deus, tão clara, tão positiva?

Portanto, quando o nosso panfletário diz que os protestantes não se levantam contra Deus, contra os Santos, contra a Virgem Maria, não está senão acobertando-se com peles de ovelhas, sendo, na verdade, lobo roubador.

VI

LEDOR DA SAGRADA ESCRITURA

De novo o protestante:

"Você como bom católico sabe que a Escritura Sagrada é a Palavra de Deus. Pois os protestantes se apegam a essa verdade. A Escritura Sagrada é para eles regra de fé e de conduta, isto é, crêem e praticam o que ela ensina. Ora, você sabe que a Palavra de Deus só ensina cousas boas; fala-nos de Deus como Pai justo e bom... Os Santos Evangelhos estão cheios dos mais preciosos ensinamentos de Jesus, que são lidos e meditados por todos os protestantes..."

De novo aí está o lobo em peles de cordeiro. Só quereria eu fazer umas perguntas ao caro protestante, que se apresenta assim tão devoto das Sagradas Escrituras.

Escute uma coisa, amigo protestante: —

Quem foi que legou ao Protestantismo a Sagrada Escritura? O Protestantismo apareceu no século XVI. A Igreja Católica já existia e tinha a Bíblia como "regra de fé e de conduta" e lia e meditava os Evangelhos. Lutero, Pai da heresia protestante, aprendeu as Sagradas Escrituras na Igreja Católica. O combate ao Protestantismo, a Igreja Católica o fez sempre de Escritura na mão. Quem, pois, tem a precedência nesta questão de venerar, meditar e viver a Palavra de Deus?

Não sei porque o Protestantismo se vangloria tanto da Sagrada Escritura, como se fôsse ele que a tivesse inventado, ou como se fôsse seu único arauto delegado por Deus. As divinas letras existiam muito antes do Protestantismo e foi sempre a Igreja, contra quem os protestantes protestam, que a divulgou no mundo e legou ao próprio Protestantismo. Que mérito, então, tem você, caro protestante, em fazer da Escritura Sagrada arma de combate?

Outra perguntinha: vocês protestantes falam tanto de livros inspirados, de Escritura que é Palavra de Deus; mas quem lhes garantiu, desde o início, que os tais livros existentes até o século XVI eram inspirados por Deus, e verdadeira Palavra de Deus?

Lutero não podia ter autoridade para canonizar aquêles livros. Quem foi então que declarou tais e tais livros como divinamente inspirados? Eu gostaria que algum protestante mais sábio me respondesse a isto.

A própria Escritura não menciona todos os livros da Bíblia dando-lhes o qualificativo de inspirados. Os próprios evangelhos não mencionam uns aos outros outorgando-lhes explicitamente a chancela da Palavra de Deus. Donde então o amigo protestante sabe que houve inspiração divina para êles como para todos os livros da Bíblia? Respon-da isto, Sr. Pastor mais sábio do Protestantismo!

Certamente, ficamos sabendo da inspiração dos livros santos através duma transmissão que veio desde Moisés até Cristo e de Cristo até nós. Esta transmissão continuou depois de Cristo. É a Tradição. S. Paulo nos fala muito dela em suas Epístolas. Ela não só transmitiu que tais livros são Palavra de Deus, mas transmitiu outras coisas necessárias que não puderam ser escritas. Assim, S. Paulo diz aos Tessalonicenses: "Estai firmes, irmãos, e conservai as tradições que aprendestes ou de viva voz ou por *Epístola nossa*". (II. Tess. 2: 15). E noutra parte êle adverte a Timóteo que é necessário ensinar

a outros homens fiéis tudo quanto aprendeu, para que êstes, por sua vez, o ensinem a terceiros: "O que de mim ouviste por muitas testemunhas, ensina-o a homens fiéis que se tornem idôneos para ensinar aos outros".— (II. Tim. 2: 2).

Que é tudo isto, amigo protestante, se não a *tradição oral* se antepondo à *Escritura*? E, lógicamente, não é essa tradição que poderia assegurar à Igreja a autenticidade dos livros divinos?

Mais uma pergunta breve ainda, amigo protestante: Quando você está lendo a Sagrada Escritura, quem lhe pode garantir que a interpretação que você está dando ao texto é interpretação exata? Só a sua inteligência humana de homem isolado? Então um homem pode, *por si mesmo*, arvorar-se em intérprete da palavra divina?

O eunuco da Rainha de Candace lia o livro de Isaías, conforme se diz nos Atos dos Apóstolos. (8: 26-36). Aproximou-se dêle o diácono Felipe e lhe disse: "Compreendes o que estás a ler? E êle disse: Como poderei eu compreender isto, se não houver alguém que mo explique?" Entretanto, o texto nos parece hoje tão claro...

Está vendo, caro protestante: o homem necessita de outro homem enviado por Deus

e constituído por Deus para ensinar-lhe o sentido dos textos da Escritura. Deve haver alguém possuidor da *missão divina* para ensinar na Igreja. Jesus Cristo constituiu explicitamente os Apóstolos, e êstes constituiram sucessores, como vemos que S. Paulo fêz a Timóteo e ordenou-lhe o fizesse a outros homens idôneos. Esta sucessão de autoridade divina era absolutamente necessária à Igreja de Cristo.

E não é só. Para que esta sucessão fôsse garantida divinamente, era imprescindível alguém que a chefiasse, com privilégio divino de inerrância, em matéria de fé e de costumes. Era preciso alguém que confirmasse os demais transmissores da doutrina. Se assim não fôra, que garantia teríamos da firmeza da doutrina de salvação?

Por isto, Jesus disse a S. Pedro: *Eu rezei por ti, para que a tua fé não destaleça. E tu, uma vez confirmado, confirma na fé a teus irmãos*". (Lucas, 22: 32).

O sucessor de Pedro não haveria de herdar-lhe o privilégio? Sem dúvida. Senão, quem nos garantiria através dos séculos a fé que temos em Cristo?

Agora, torno a perguntar-lhe, caro protestante: qual a autoridade que garante a vocês protestantes que o sentido que atribuem à Escritura é o autêntico?

Vocês têm uma autoridade que haja sucedido a Pedro através dos séculos? Gostaria que o Pastor mais sábio do mundo me desse resposta a esta pergunta, de modo positivo.

Se você não sabe responder a isto, que é tão claro, de que lhe serve o contínuo manusear e ler as Sagradas Escrituras?

Você disse que "os Santos Evangelhos estão cheios dos mais preciosos ensinamentos de Jesus". De fato. E um dos mais preciosos é que Ele fundou a sua Igreja sobre Pedro, (Mat. 16: 18-20) e que rezou por S. Pedro para que não lhe viesse a falecer a verdadeira fé e confirmasse ele a seus irmãos. (Luc. 22: 32).

Ora, você que lê tanto e medita os "preciosos ensinamentos de Jesus", não atinou ainda com este, que há-de ser, inegavelmente, o mais precioso, porque base de garantia para todos os outros!

Se a Sagrada Escritura é para vocês protestantes "regra de fé e de conduta", e se ela "só ensina coisas boas", é necessário tomá-la integralmente, aceitar tudo o que ela diz, buscar a autoridade autêntica, que a interpreta, e não só fazer dela cavalo de batalha para atacar a Igreja, falsificando-lhe os textos, como tantas vezes usam os protestantes.

A sua conversa mole, meu caro protestante, deve ser propositada para enganar os incautos. Se você é sincero, faça um exame nas perguntas exaradas acima, e confesse a verdade, tôda a verdade...

VII

CREDO CATÓLICO E CREDO PROTESTANTE

Mais um pedacinho interessante do panfleto em foco:

"Uma coisa que muito me impressionou foi verificar que o "Credo Apostólico" da Igreja Romana é o mesmo dêles (protestantes), sem mudar nem pôr. Você pode estranhar que êles repitam aquela sentença: — "Cremos na Santa Igreja Católica". Pois repetem. A palavra "católica" quer dizer "universal" e êles crêem na Igreja Universal de Jesus Cristo".

Viram só como se tenta ludibriar a fé do povo simples?! Os protestantes, que sempre se põem, frontalmente, contra o ensino da Igreja Católica, querem agora fazer crer que aceitam todo o símbolo de fé, já tantas vêzes atacado por êles nas verdades essenciais.

Uma primeira verdade do credo, funda-

mental, é da divindade de Jesus Cristo. Ora, é sabido que não poucos pastores negam este dogma fundamental reduzindo Cristo a um enviado de Deus, como qualquer grande profeta.

Aqui no Brasil, nossos "pastores protestantes" não sabem, na sua maioria, o que ensinam. Não têm um corpo doutrinário. Limitam-se em repisar textos da Bíblia e atacar a Igreja Católica. Ação puramente negativista. Não há, no Brasil, uma teologia protestante. Mas, onde se cogita ou se cogitou da codificação de um catecismo protestante, nunca houve acôrdo doutrinário, e não faltaram, como não faltam ainda hoje, os que negam a Divindade de Jesus.

Para comprovar nossa asserção, não é necessário mais que valer-nos, ainda uma vez, da obra de Leonel Franca, S.J., infelizmente tão pouco lido pelos protestantes. Ele documentou à saciedade, com autores e obras protestantes, "a dissolução dogmática do protestantismo". Fariam bem os protestantes em ler o capítulo III, § 3, do Livro II da monumental obra "*A Igreja, a Reforma e a Civilização*".

Reportando-nos apenas à negação do dogma da Divindade de Jesus Cristo, vamos transcrever aqui somente alguns textos aduzidos naquele livro.

A. Schweitzer escreveu: "Para nós, os títulos "Messias", "Filho do Homem", "Filho de Deus" têm apenas o valor de parábolas históricas. Não conhecemos nenhum nome que nos revele a essência de Jesus. Jesus é para nós um desconhecido que nos chega sem nome". (1).

Paulo Jaeger diz do dogma da Divindade de Jesus: "É fórmula já desacreditada pelo seu cunho teológico. (2).

O protestante Nitzsch, na sua *Dogmatik* (p. 507), diz que a Divindade de Cristo é uma fórmula "introduzida no cristianismo pelo pensamento judaizante".

Outro protestante, Wendt, professor da Universidade de Iena, escreveu: "Quando Cristo afirmou ser Filho de Deus, quis significar, única e simplesmente, que era, com o mesmo título que os Apóstolos, objeto do amor e solicitude divina, que, em retôrno, êle, como os discípulos, lhe havia consagrado um amor filial". (3).

(1) *Geschichte der Leben Jesu* — Forschung, Tübingen, (1913).

(2) *Christliche Welt* — 1902, p. 643.

(3) *Die Lehre Jesu*, Göttingen, 1901, p. 445.

Em nota à margem, depois de ter citado estes autores protestantes, sumidades no protestantismo de além-mar, observa o Padre Franca: "Em sentido análogo aos autores citados falam na Alemanha: *J. Richl, O. Holtzmann, K. Weidel, F. Schmidt, F. Nibergall*; na França: *E. Stapfer, A. Reville, H. Monnier*; na Inglaterra: *A. Robinson, J. E. Carpentier, Cheyne, etc., etc.* Cf. *Fillion, Les étapes du rationalisme* (2), Paris, 1811, pp. 181-272. E todos estes nomes são de pastores evangélicos ou de professores de teologia nas universidades onde se formam os futuros ministros. Por aí se poderá avaliar o que se ensina e se prèga hoje ao povo protestante". (4).

Agora eu pergunto: negar a Divindade de Cristo, dogma fundamental do credo católico, é ter o mesmo "Credo Apostólico da Igreja Romana"?

Mais ainda. O Protestantismo não só não é acorde quanto ao dogma fundamental. Também quanto a outros pontos do "Credo Apostólico" reina entre seus luminares grande agnosticismo. Há os que negam o mistério da Sm̃a. Trindade, há os que repudiam o mistério da Redenção, há os que minimizam o pecado. Leia a obra já citada, do Pe. Franca, nos lugares que já apontamos, meu

(4) *Op. cit.*, p. 254, Agir, 1952.

caro protestante. Não é preciso nada mais para convencer de que o Protestantismo é uma celeuma doutrinária sem nenhum credo definido.

E se quiser uma prova prática, faça um inquérito entre seus pastores, os mais ilustrados, para colhêr o que êles crêem efetivamente sôbre cada um dos artigos do "Credo Apostólico"... Depois venha confirmar isto que escreveu: "Uma cousa que muito me impressionou foi verificar que o "Credo Apostólico da Igreja Romana é o mesmo dêles (protestantes)".

Não e não! Há basilar diferença entre o Catolicismo e o Protestantismo. Êste não tem "credo", aquêle o tem. Êste tem por essência o protesto contra a Igreja Católica; aquêle é a mesma doutrina dos Apóstolos transmitida e preservada pela assistência divina que Cristo prometeu à sua Igreja.

O Catolicismo é afirmação. O Protestantismo é negação. O Catolicismo é unidade. O Protestantismo é separação. O Catolicismo é fruto do amor que une, segundo a prece feita por Cristo: — "*Pai Santo, guarda em teu nome aquêles que me deste para que sejam um, assim como nós somos um*". — (Jo. 17, 11). O Protestantismo é o fruto do ódio que divide, nascido do lema de Lutero: "*Odium in Papam!*" — "Ódio ao Papa!"

Não acredito e não acreditarei jamais

que o protestante possa repetir com o coração e o entendimento esta palavra do nosso "Credo": "Creio na Santa Igreja Católica". Pois o protestante é nutrido no ódio à Igreja Católica.

Que repitam, sem pensar no sentido, estoutra sentença: "Creio na Igreja Universal" — admito-o. Mas, procedendo com serenidade e amor e dando um sentido de oração ao seu "credo", o protestante deverá, necessariamente perguntar: — "Onde está esta Igreja Universal que admito ser fundada por Cristo? A minha não pode ser, porque não foi fundada por Cristo, e sim por Lutero. Demais, universal a minha não é, porque quando muito se reduz ao agregado de homens que soletram a Bíblia com o meu Pastor, que pode ensinar cousa totalmente diversa dos demais. Que digo? A Igreja a que pertença está longe de ser a universal, pois se reduz, praticamente, a mim tão só, de vez que posso, de acôrdo com os princípios do Protestantismo, interpretar *individualmente* a Sagrada Escritura..."

Eis o que deve pensar o protestante sincero, se reza, consciente, o tal "credo" proposto por nosso panfletista.

A conclusão se impõe: não pode haver duas igrejas antogônicas a dizer com acêrto dogmático: "Eu creio na Igreja Católica". Se duas assim rezarem, uma estará no engano

flagrante de que a sua é a tal, e na verdade não é.

Portanto, ou nós católicos estamos com a verdade e o amigo protestante está no erro, ou então nós estamos no erro e ele está com a verdade.

Ora, o amigo protestante nasceu da revolta que quis reformar o que Jesus Cristo fizera havia dezesseis séculos...

E reformar o que Cristo fez, meu amigo, é muita petulância, que deve ter nascido do orgulho, e não pode vingar senão com o embuste e com a mentira. Então você vai ter a presunção de corrigir a Igreja Universal que Cristo fundou dizendo: *"E as portas do inferno não prevalecerão contra ela"*?

Ou você não refletiu sobre o caso, ou, se refletiu, não pôde concluir porque os seus parafusos andam fora do lugar...

Reconsidere, pois, o seu "credo" falso e não o reze mais. Ou busque a Igreja onde o "Credo Apostólico" se realiza, ou então seja logo ateu de uma vez, porque Cristo disse: *"Quem não está comigo, está contra mim. Quem não recolhe comigo, dispersa"*.

1
2
3
4

VIII

A IGREJA DE CRISTO... ERA PROTESTANTE

Pasmem os leitores com a seguinte tirada idiota do nosso protestante:

“Os protestantes são “Católicos e Apostólicos”, só não são Romanos. Aí está a diferença principal. A Igreja Apostólica organizada em Jerusalém, a qual propagou o Evangelho na Ásia e na Europa, não era Romana, nem podia ser, porque não existia essa possibilidade, que só apareceu muito mais tarde. A Igreja existente em Jerusalém, nos anos que se seguiram à morte de Cristo, era “Católica e Apostólica”, mas não era Romana. Quer dizer que aquela Igreja era protestante, pois os protestantes são o que ela era — católicos e apostólicos”.

O embromador sempre se trai. Sem querer, solta a palavra que o condena. É o caso do nosso panfletista. Até aqui o vimos dando-se a crer muito de acôrdo com os sentimentos religiosos do povo católico. Chegou mesmo a

dizer que não existe diferença entre o "Credo Protestante" e o "Credo Apostólico da Igreja Romana". "E' o mesmo... sem tirar nem pôr" — diz êle. Agora, traiu-se o embusteiro: "Os protestantes são "Católicos e Apostólicos", só não são "Romanos".

Então, meu velho, entre nós está rompi-da a amizade! Não adianta ser "Católico Apostólico". O que queremos é "Católico, Apostólico e Romano". Esta é a marca registrada. Outra é marca falsa...

E está visto perante os "católicos de marca registrada" que você anda vestido de ovelha e é lobo. Porque deseja enganar os bons católicos com palavras dúbias, fazendo crer que não há diferença entre nós e vocês. E, enfim, você mesmo confessa tudo, tudo: há absoluta diferença; nós somos "católicos romanos", e vocês são "católicos"... de onde? onde mora o chefe de vocês?... nas Arábias? em Caixa-pregos? na Califórnia?

Já sei: vocês não são de parte alguma *qualificadamente*, porque não há chefe no protestantismo.

Uma Igreja é uma sociedade. Uma sociedade recebe o qualificativo último relativo ao lugar onde está sua chefia suprema. A Igreja Católica, Apostólica, a que pertencemos, tem na cidade de Roma a sua Chefia desde quando as vicissitudes históricas a permitiram estabelecer-se fixamente. E podemos

provar que, desde os princípios, foi ela ali estabelecida pelo próprio Chefe dos Apóstolos, a quem Cristo mesmo dissera: "*Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas*"... Logo, esta Igreja, que é Apostólica e que é de Cristo, é também Romana. Por que não?

Os protestantes não são romanos porque seu chefe não reside em Roma. Onde reside então? Se ele reside em Paris, o protestantismo é *parisiense*. Se ele reside em Jequitibá, o protestantismo é *jequitibãense*... Vocês protestantes têm de ser alguma coisa mais que "católicos e apostólicos"...

Mas aí está o nó: o Protestantismo não tem Chefia Suprema em parte alguma.

Então, não é sociedade organizada; pois, não tem governo, não tem sede, não tem diretrizes fixas... Que é, pois, o Protestantismo? E', certamente, *balbúrdia, desagregação*. E a história o tem provado. As seitas se multiplicam com o evoluir dos tempos. E', ou não é, caro protestante?

Refutemos agora uns tantos desacertos do nosso panfletista.

"A Igreja Apostólica organizada em Jerusalém, a qual propagou o Evangelho na Ásia

e na Europa, não era Romana, nem o podia ser, porque não existia essa possibilidade, que só apareceu muito mais tarde" — diz êle.

Sim, "a Igreja Apostólica organizada em Jerusalém... não era Romana". Está certo; antes de seu Chefe residir em Roma, ela não podia ser romana. Êste adjetivo refere-se ao lugar onde se estabelece o govêrno supremo da Igreja. E tal govêrno ainda não se fixara em lugar determinado.

E por que não se fixara? Porque não era chegada a hora. Cristo não determinou tudo em sua Igreja. Deixou muita coisa ao alvitre dos Apóstolos e, certamente, à escolha do Chefe dos Apóstolos. Êste e seus companheiros agiram de acôrdo com as circunstâncias históricas suscitadas pela ineiável Providência. Nada mais razoável.

Cristo não prescreveu que Pedro fôsse residir em Roma. E não determinou também que deveria ficar em Jerusalém a sede da Igreja. Senão, de certo, o Chefe dos Apóstolos ali teria ficado e morrido. E qual seria o resultado? O resultado seria: a Igreja fundada por Cristo, em vez de Romana, seria Hierosolimitana, porque sua Chefia Suprema estaria em Jerusalém. Não é claro? (1)

(1) Se a sede da Igreja tivesse permanecido em Antio-

Mas Cristo somente dissera: "Ide pelo mundo e ensinai o Evangelho a toda criatura" (Marcos, 16, 15). Não determinou uma sede de governo.

Mandou, sim, que ficassem na cidade santa, até à vinda do Espírito Santo. E foi só. "E comendo com êles, mandou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas esperassem a promessa do Pai, que ouvistes (disse) por minha boca". (Atos, 1, 4).

O inciso "mas esperassem a promessa do Pai" está indicando obviamente que a ordem de permanecer em Jerusalém é somente até que se realize a "promessa do Pai", isto é, a vinda do Espírito Santo.

Mais além, v. 8, Jesus completa o seu pensamento: "Recebereis a virtude do Espírito Santo que virá sobre vós, e sereis minhas testemunhas... até os confins da terra". Onde se infere claro que deviam permanecer em Jerusalém até receberem o Espírito Santo. Depois... competiria aos fados da história, dirigidos pela Providência divina, mostrarem

quia, onde S. Pedro residiu algum tempo, a Igreja seria *Católica, Apostólica, Antioquena*. Se, por impossível, a cátedra do Chefe dos Apóstolos se estabelecesse no Brasil, a Igreja de Cristo seria *Igreja Católica, Apostólica, Brasileira*. Que estranhar então em ser ela Romana, se seu comando sempre se fixou na cidade de Roma?

onde se instalaria a sede mater da Igreja. Tudo isto é lógico e cristalino.

A "possibilidade" de o Chefe da Igreja ir residir em Roma não existia logo depois da Ascensão de Cristo, mas não "apareceu só muito tarde", não. Apareceu até bem cedo. Vejo que meu amigo protestante ignora muito a história.

Sabemos pelos Atos dos Apóstolos (cap. 12, vers. 17) que Pedro, escapando às mãos de Herodes, deixou Jerusalém. "*E êle, tendo saído, foi para outro lugar*" — diz o autor sacro. — Que lugar era êste? Não o diz Lucas, de certo porque Pedro, por alguns anos, ainda não se fixara com sua sede definitivamente. Pois vemos que êle volta a Jerusalém, onde preside ao primeiro Concílio dos Apóstolos (Atos, 15, 6 e segs.).

O que historiadores insuspeitos nos dizem — como *Eusébio*, por. ex. — é que Pedro esteve primeiro em Antioquia e depois se dirigiu para Roma, onde, certamente, firmou a sede central do Cristianismo, pois ali morreu, e os que o sucederam naquela sede sempre foram tidos como Chefes da Igreja.

Nada obsta que Pedro empreendesse viagens apostólicas, saindo de Roma para diversos lugares. A sua residência era Roma, onde os historiadores calculam tenha êle vivido cêrca de 25 anos, tendo ali morrido martirizado.

Entre os testes históricos, podem-se citar: *Clemente Romano*, que viveu antes do fim do 1.º século e foi um dos primeiros sucessores de Pedro (*Cartas*, I, 6); *Sto. Inácio de Antioquia*, nos princípios do segundo século, que se dirige aos romanos numa carta relembrando-lhes a presença de Pedro e Paulo na cidade eterna. (Cf. *Funk — Hist. Ecl.*, 1924, p. 31). *Papias*, Bispo de Hierópolis, que foi discípulo imediato do Apóstolo São João, o qual nos assegurou que o Evangelho de S. Marcos foi escrito em Roma, sob a orientação do Chefe dos Apóstolos. (Cf. *Eusebius — Hist. Eccl.*, II, 15, apud MG, XX, 171); *Sto. Irineu*, discípulo de São Policarpo, que, por sua vez, o foi de S. João Evangelista, o qual fala, em vários pontos da obra *Adversus haereses*, que S. Pedro residiu em Roma e ali morreu. (*Adv. haereses*, L. III, Cap. I, N.º 1, apud MG, VII, 844).

Ainda atestam o mesmo fato da moradia de São Pedro em Roma numerosos Padres, fiéis à tradição apostólica, entre eles: *Tertuliano*, *Clemente Alexandrino*, *Orígenes*, *Sto. Hipólito*.

Por fim, devo dizer que este fato histórico, até o século XVI, nunca tinha sido pôsto em dúvida. O primeiro homem a querer objectar contra ele foi um tal *Marsílio de Pádua*, levado aliás por paixão política, pois queria

defender Luiz de Baviera contra o Papa João XXII.

Deve-se, portanto, ter como certo que São Pedro fixou sua residência em Roma, e ali morreu martirizado na perseguição de Nero. Em que data? Assinala a tradição — diz Funk (op. cit., p. 30) — que esta estadia de Pedro na imortal cidade se deu no ano 42 ao ano 67.

Como vê o caro protestante, não foi tão tarde, como supõe, a possibilidade de a Igreja de Jesus Cristo se tornar Romana. Já pelo ano 60, no mínimo, ela se tornara *Romana, completamente Romana*, visto como, com tôda a certeza, a sede episcopal mãe da cristandade já se estabelecera definitivamente em Roma.

* * *

"A Igreja existente em Jerusalém nos anos que se seguiram à morte de Cristo era *"Católica e Apostólica"*, mas não era *"romana"*. Dêste fato inegável tira o protestante a seguinte conclusão insultuosa a Cristo: — *"Quer dizer que aquela Igreja era protestante, pois os protestantes são o que ela era — católicos e apostólicos"*.

Esta é muito boa! Primeiro, é necessário

provar que aquela Igreja "existente em Jerusalém" foi fundada por Lutero ou Calvino no século XVI. Prove isto, meu caro protestante "católico e apostólico".

Depois, é preciso provar que a Igreja "existente em Jerusalém" nunca poderia tornar-se nem de fato se tornou *Romana*. Prove também isto, protestante das Árábias!

Era só o que faltava: a Igreja fundada por Cristo ainda existente em Jerusalém no primeiro século — ser já protestante e fundada por Lutero ou Calvino, no século XVI! Só mesmo na cabeça acéfala de um protestante que se faz passar por "católico e apostólico", "mas não romano", poderia caber mais êste disparate!

IX

APOSTILAS AO "CREDO PROTESTANTE"

Vamos agora examinar os dados da fé protestante, segundo nosso panfletista.

Mas, antes de citá-lo, quero advertir os leitores do espírito de fraude e esperteza que anima o nosso "lobo em peles de ovelha". Ele forceja por dar a entender que o protestantismo está de acôrdo com as nossas crenças católicas. Expressões de duplo sentido, verdades incompletas, erros doutrinários sutilmente encobertos — eis o que são as suas palavras. Além de mais, previnam-se os leitores de que nem todo protestante adota o "credo" do nosso panfletista. Há muitas divergências dogmáticas entre pastores. Tere-mos oportunidade de mencioná-las a seu tempo.

Eis, pois, o credo do nosso panfletista:

"Você manifestou desejo de saber as cousas principais em que êles crêem, não é? Pois crêem na Trindade bendita — Deus Pai,

Filho e Espírito Santo. Jesus Cristo é para eles o eterno *Filho de Deus*, nascido da *Virgem Maria*, que tomou a nossa natureza humana para morrer em nosso lugar, tornando-se assim, o único Salvador dos que o aceitam pela fé e vivem segundo seus ensinamentos. Crêem na existência dos Céus para onde vão os crentes em Jesus Cristo, e do Inferno para onde irão os ímpios. Crêem que o sangue de Cristo nos purifica de todo pecado; crêem na ressurreição da carne e no juízo final. Jesus Cristo é o Chefe Supremo da Igreja; o culto que tributam a Deus é em espírito e verdade, em sinceridade e realidade, como ensinou Jesus; Cristo é o único mediador e intercessor entre o pecador e Deus; a *Virgem Maria* é considerada com o máximo respeito bendita entre todas as mulheres, por ter sido a nobre e digna Mãe de Jesus, pelo qual foi redimida, encontrando-se na glória dos céus. As suas virtudes são consideradas e apresentadas como inspiração às mães de hoje; reconhecem que ela foi moral e espiritualmente formosa pelas excelências do seu caráter e de sua fé. Todos os santos estão nos céus procurando os protestantes conhecê-los as vidas para melhorarem ainda mais as suas. As Escrituras Sagradas são para eles a Revelação Divina; crêem e praticam o que elas ensinam. Aceitam os Sacramentos instituídos por Jesus Cristo, isto é, o Sacra-

mento do Batismo e da Comunhão (Eucaristia). Como dia de guarda têm o domingo, que é observado com muito rigor, sendo dedicado apenas a atos de culto e de fraternidade cristã. Quanto à confissão, seguem o ensino do Evangelho, que ordena que nossos pecados sejam levados a Deus, com sincero arrependimento, para recebermos o perdão".

Copiosa matéria aí temos para vasto comentário. Se tivéssemos certeza de ser êste o "ensino comum" dos protestantes, bem se prestaria a um estudo longo e documentado. Vamos sòmente fazer umas apostilas a cada enunciado "dogmático" do nosso crente.

X

A SMA. TRINDADE — A MÃE DE DEUS E OS ENSINOS DE JESUS

*“Crêem na Trindade bendita — Deus
Pai, Filho e Espírito Santo”.*

Ensino perfeitamente acorde com o catolicismo. Sòmente, importa esclarecer que nem todos os pastores protestantes adotaram sempre êste dogma primeiro do Catolicismo.

Houve até um doutor da seita que chegou a dizer: “não é cientificamente possível fundar na Bíblia a doutrina da Trindade eclesiástica... com isto, porém, nada perde o cristianismo, porque esta doutrina é como uma pedra de escândalo para milhares de homens sèriamente religiosos (!) e moralmente còncios que não podem absolutamente concordar com ela”. (1)

A’ luz desta e outras citações que po-

(1) SCHENKEL, citado por Leonel Franca em «A Igreja, a Reforma e a Civilização», p. 277, 4ª edição.

deríamos fazer, vê-se que nem sempre os protestantes "crêem na Trindade bendita", não é, meu caro protestante?

"Jesus Cristo é para eles o eterno Filho de Deus, nascido da Virgem Maria, que tomou a nossa natureza humana para morrer em nosso lugar, tornando-se, assim, o único Salvador dos que o aceitam pela fé e vivem segundo os seus ensinamentos".

Como soam, estas palavras traduzem a mesma doutrina da Igreja Católica. Isto também a Igreja crê e professa. Mas o "sentido" que o protestante dá a estas palavras é inteiramente diverso do pensamento genuíno da fé católica, é uma verdadeira violação da lógica.

Vejamos. Se Jesus Cristo é "o eterno Filho de Deus nascido da Virgem Maria", por que a Virgem Maria não é Mãe de Deus? Quem nasce de u'á mulher — é seu filho. — A mulher de quem nasce um filho — é mãe dêste filho. Da Virgem Maria nasce "o eterno Filho de Deus"; logo, a Virgem Maria é Mãe do eterno Filho de Deus. E ser Mãe do "eterno Filho de Deus" não é o mesmo que ser Mãe de Deus? E como os protestantes querem negar a maternidade divina de Maria?

De duas, uma: ou o protestante não é sincero, ou não é lógico. Se afirma, com sinceridade, que admite ter o "eterno Filho de Deus nascido da Virgem Maria", há-de admitir, por força de lógica, que a Virgem Maria é Mãe de Deus.

A mim, porém, me parece que a afirmação do nosso panfletista não passa de uma armadilha para ludibriar os católicos menos avisados. Ele não é nem lógico, nem sincero. Não é lógico, porque não mede a extensão do que afirma. Não é sincero, porque não acredita no que diz ser parte do seu "credo".

Mais uma observação ao tópico em análise: se os protestantes admitem que este Filho da Virgem Maria é "o único Salvador dos que o aceitam pela fé e vivem segundo seus ensinamentos", então devem admitir que é necessário para alguém se salvar viver segundo seus ensinamentos.

Ora, Cristo disse que sobre Pedro edificaria a sua Igreja e as portas do inferno não prevaleceriam contra ela; e, noutra parte, ensinou também que é preciso ouvir esta Igreja sob pena de ser considerado como publicano e pecador.

Se as portas do inferno não prevaleceram contra a Igreja fundada sobre Pedro, é à Igreja governada pelo sucessor de Pedro que compete falar em nome de Cristo, e a ela

é que se deve ouvir. Consequência irrefragável dos ensinamentos de Cristo. Logo, para se ter a salvação é preciso viver segundo estes ensinamentos, não é, meu caro "católico" protestante?

Mas você não vive segundo estes ensinamentos. Você diz com palavras os ensinamentos do Filho da Virgem Maria, mas desdiz com a prática o que Ele tão formalmente exigiu.

Mais. O Filho da Virgem Maria ensinou também: "*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna*". (João, 6: 55). E antes dissera: "*Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós*". (id. 54). Entretanto, o amigo protestante não pratica este ensino de Jesus Cristo. Nem mesmo admite que Cristo tenha dado sua carne como alimento e o seu sangue como bebida.

Então, que fé em Cristo vem a ser esta, meu caro protestante? Porventura somos livres de admitir dos ensinamentos de Cristo só o que nos agrada?

Novamente, ou o amigo não é sincero, ou não é lógico...

De minha parte, admito, até que prove o contrário, que ele não é nem lógico nem sincero. É o "lobo em peles de ovelha".

XI

CÉU, INFERNO... E PURGATÓRIO

"Crêem na existência dos Céus para onde vão os crentes em Jesus Cristo, e do Inferno para onde irão os ímpios".

Este tópico do "credo" protestante é incompleto. A doutrina do Evangelho é que existem o céu e o inferno, que são eternos; mas que existe um terceiro lugar de expiação, que não é eterno, porque ali permanece a alma somente até à completa expiação dos seus delitos. Este último lugar, chamâmo-lo purgatório.

Embora a Sagrada Escritura não empregue a palavra purgatório (notemos que ela não usa, também, as palavras céu e inferno no mesmo sentido teológico eclesiástico), entretanto a existência de uma expiação na outra vida, de um lugar onde serão pagas certas faltas da vida presente antes da entrada no céu, é verdade contida, quer no Novo quer no Velho Testamento.

Em o Novo Testamento temos o texto de I Cor. 3, 15, onde São Paulo nos assegura que "o fogo há-de provar a obra de cada um" e que alguns serão salvos "mas somente como pelo fogo". Temos ainda o texto de Mat. 12: 32 que afirma haver pecados que poderão ser perdoados noutra vida, por oposição ao pecado contra o Espírito Santo, "que não será perdoado nem nesta nem na outra". No mesmo sentido, pode-se interpretar, também, o texto de Mateus 5: 25-26, onde Jesus fala de uma prisão da qual o homem não sairá "senão depois de ter pago o último ceitil".

No Antigo Testamento há aquêle célebre texto dos Macabeus (que algumas Bíblias protestantes suprimem), em o qual se afirma ser "cousa santa e louvável rezar pelos mortos para que se livrem êles dos seus pecados". (II Mac. 12, 46).

Êstes passos escriturísticos significam mui claramente que há pecados que podem ser perdoados, expiados pelo fogo, na outra vida. Logo, além do inferno eterno e do céu também eterno, há um lugar e estado de expiação, de purgação, de provação pelo fogo, e que não é eterno porque nêle os pecados são perdoados e nêle o homem "é salvo como pelo fogo", como diz S. Paulo.

E então, meu caro protestante... seu "credo", que você diz ser igualzinho ao da

Igreja Católica, é bem diferente, e está em desacôrdo com a Sagrada Escritura... Está ou não está?

XII

O SANGUE QUE NOS PURIFICA

"Crêem que o sangue de Cristo nos purifica de todo pecado".

Está certo. "O sangue de Cristo nos purifica de todo o pecado". Mas como nos é aplicada esta purificação? Cristo morreu há quase 2.000 anos. Você, protestante, não tinha pecado ainda, porque você não existia. O sacrifício de Cristo foi um só, como observa São Paulo. (Hebr. 9, 28). Aquêlê sacrifício passou. Como é que êle hoje nos é aplicado, para perdoar nossos pecados, que são atuais?

No Batismo é-nos aplicado inicialmente o sangue de Cristo e somos purificados do pecado original e dos pecados atuais que porventura tivermos cometido até então. Mas, e depois? Todos nós pecamos. "O justo cai sete vêzes por dia" — diz a Escritura. (Prov. 24, 16).

Se houve um sacramento (Batismo) pa-

ra purificar-nos quando entramos para o reino de Deus, não deveria Cristo instituir outro para purificar-nos quando lastimavelmente pecamos já dentro dêste reino?

Sem dúvida. Por isto, Jesus disse aos Apóstolos, dando-lhes u'a missão e poder especial: "*Recebei o Espírito Santo... Assim como meu Pai me enviou, eu vos envio... Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados*"... — (João, 20, 21-23).

Nada mais claro. "O sangue de Cristo nos purificou de todo pecado", por seus infinitos méritos. Mas, se foi necessário o Batismo para aplicar esta purificação inicialmente, é necessário o Sacramento da Penitência para aplicá-la tôda vez que o fiel batizado reincidir em culpa.

Portanto, não basta crer que "o sangue de Jesus nos purifica", é preciso crer que êste sangue nos é constantemente aplicado através dos sacramentos.

Daí se vê que o "credo" protestante é muito incompleto. Propositadamente incompleto. Finge ser semelhante ao "credo apostólico", mas o contradiz formalmente, negando verdades essenciais ensinadas por Cristo.

XIII

O CHEFE SUPREMO DA IGREJA

"Jesus Cristo é o Chefe Supremo da Igreja; o culto que tributam (os protestantes) a Deus é em espírito e verdade" — diz nosso protestante.

Novamente, palavras que exprimem doutrina exata, porém incompleta. E êste modo de exprimir-se incompleto visa semear a confusão e a heresia.

"Jesus Cristo é o Chefe Supremo da Igreja". Está certo. Mas onde se acha êste Chefe? Quais as diretrizes que êle traça à sua Igreja atualmente? Como se exerce agora a ação governativa de Jesus Cristo?

A Igreja é uma sociedade atual. E' divina por sua instituição, pela vida sobrenatural de que participa, pela comunicação invisível da graça que une as almas; mas é também humana em sua parte visível.

E porque humana, composta de homens sujeitos a erros, a fragilidades e desvios, de-

ve ser tutelada, governada por um Chefe visível, que não pode ser senão um homem com autoridade divina.

Se Cristo está hoje *invisível*; se sua ação governativa atual não é mais sensível; há-de ter Êle deixado alguém que o substitua na ação diretiva da Igreja. Êle é, pois, Chefe Supremo, sim; mas *invisível*; deve ter deixado um Chefe também Supremo, e visível, a Êle subordinado, que reja a sociedade visível dos homens chamada Igreja. Nada mais lógico, nada mais claro.

E o Evangelho nos traz os dados concretos desta instituição divina de Cristo. Êle estabeleceu Chefe visível da Igreja a Pedro, e portanto aos sucessores de Pedro. Desde os começos da eleição de Pedro para o apostolado, já o Senhor profetiza e assegura o lugar fundamental que êle vai desempenhar. Vendo-o, diz Jesus: "*Tu és Simão, filho de Jonas; tu te chamarás Cefas, (em aramaico Kefa) o que significa pedra*" (João, 1, 42).

Mais tarde, o Mestre completa, dando o motivo do novo nome de Pedro: "*E eu te digo: Tu és Pedro (em aramaico Kefa) e sobre esta pedra (em aramaico Kefa) edificarei a minha Igreja... Dar-te-ei as chaves do reino dos céus. Tudo o que desligares...*" etc. etc. (Mat. 16, 18-20). Este texto é ainda uma promessa: "*edificarei sobre ti a minha Igre-*

ja", "dar-te-ei as chaves do reino de Deus" — diz Jesus, empregando o futuro.

Após a ressurreição, realiza-se a promessa. Duas vezes Cristo diz a Pedro: — "*Apascenta os meus cordeiros*"; e, da terceira vez, diz: "*Apascenta as minhas ovelhas*" (João, 21, 15-17). Nesta linguagem simbólica, Jesus ordena que Pedro seja o Chefe do rebanho que é a Igreja. Os "cordeiros" são os fiéis, as "ovelhas" são os Chefes dos fiéis, isto é, os Bispos.

Nada mais claro, nada mais objetivo. Assim o viram, através do sagrado texto, os intérpretes de todos os tempos.

Não basta, portanto, se creia que Jesus Cristo é o *Chefe Supremo da Igreja*. É preciso crer, sim, que J. Cristo é o *Chefe Supremo invisível* e que o sucessor de São Pedro é o *Chefe Supremo visível, subordinado a Jesus Cristo*. *Chefe supremo e subordinado?* Perfeitamente. Supremo, na ordem visível somente; supremo na hierarquia simplesmente humana; subordinado, porém, sempre, a Cristo, de cuja autoridade participa e cujas vezes faz perante a Igreja da terra.

XIV

O CULTO EM ESPÍRITO E VERDADE

"O culto que tributam (os protestantes) a Deus é em espírito e verdade".

Que entende o protestante por esta expressão: "em espírito e verdade"?

Sem dúvida, todo culto a Deus, para ser legítimo e agradável, deve ser "em espírito e verdade", i. é, sincero, não fingido, não só com os lábios. Este o sentido imediato da expressão.

Usadas por Cristo, quando falou à Samaritana (João, 4, 23), significam aquelas palavras, conforme o contêxto, que na Igreja de Cristo iam cessar as formas do culto da Antiga Lei, que era todo constituído de figuras materiais: circuncisão, holocaustos de animais, abluções, etc.; àquelas figuras, sucederia o culto de verdade, e todo de natureza espiritual, culto cujo fundamento é o próprio sacrifício de Jesus Cristo (1)

(1) STO. TOMAS — *Catena Aurea*, in Joan., passim.

De tais palavras os protestantes querem tirar o que elas não encerram: a supressão do culto *litúrgico*, principalmente do culto *eucarístico*.

Consequência: teríamos, então, na Igreja, o mero culto *interno*.

Não é isto o que querem dizer as palavras "em espírito e verdade", como salta aos olhos. Jesus só contrapõe ao culto dos hebreus o novo culto que vem inaugurar, dando, numa expressão marcante, as *qualidades* dêste culto.

Quais os atos dêste culto, Jesus não menciona; dá-lhe apenas a denominação geral: "em espírito e verdade". Os atos de tal culto — é evidente — só Jesus os pode instituir. E Ele reserva a sua instituição para a derradeira hora de sua vida.

Criando então a Eucaristia em substituição aos antigos ritos cultuais, diz: "Tomai e comei. Isto é meu corpo que será entregue por vós" (alusão ao sacrifício da cruz); e: "Tomai e bebei. Este é o cálice do Novo Testamento em meu sangue, que será derramado por vós" (nova alusão ao sacrifício da cruz, e substituição clara do rito do Velho Testamento por um rito do Novo Testamento). (Cf. Lucas, 22, 19 e 20).

E, para perpetuar esta grande realidade, Ele determina: — "Fazei isto em memória de

mim". E não seria isto um culto "em espírito e verdade"?

São Paulo entendeu muito bem este novo culto "em espírito e verdade", tanto assim que advertiu aos Coríntios, depois de rememorar a divina instituição dêle e depois de exprobrar que êle fôsse profanado por ebriedades e comedorias: *"Portanto, tôda vez que comerdes êste pão e beberdes êste cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que Ele venha . Pelo que quem indignamente comer dêste pão ou beber do cálice do Senhor, será réu do corpo e do sangue do Senhor"*. (Cf. I Cor. 11, 23-30).

Vê-se òbviamente que S. Paulo fala de um ato de culto dos mais solenes da Igreja, do qual quem participa indignamente se torna réu do mesmo corpo de Cristo. Porventura São Paulo não adorava a Deus "em espírito e verdade"?

XV

O ÚNICO MEDIADOR, A DIGNA MÃE DE JESUS, E OS SANTOS

"Cristo é o único mediador e intercessor entre o pecador e Deus, a Virgem Maria é considerada com o máximo respeito bendita entre todas as mulheres, por ter sido a nobre e digna mãe de Jesus, pelo qual foi redimida, encontrando-se na glória do céu", etc., etc.— diz nosso protestante.

Ótima doutrina, perfeitamente consoante com a doutrina da Igreja. Sòmente é preciso notar que *"Cristo é o único mediador necessário e primeiro e indispensável"*. Se outros houver, são permitidos por Deus por infinita misericórdia, são dispensáveis, são secundários.

Ora, o amigo protestante, se fôr lógico e leal, não poderá negar, à luz de São Paulo, que Maria Santíssima foi Medianeira secundária, querida por Deus na geração do único Mediador essencial, Jesus Cristo.

Que diz São Paulo? Diz isto: "Só há um Mediador entre Deus e os homens — o *HOMEM Jesus Cristo*". (I Tim. 2, 5). Ouviu, Sr. Protestante? O Mediador entre Deus e os homens é Jesus Cristo enquanto homem. Logo, "nasceu de uma mulher", como observa o mesmo S. Paulo (Gál. 4, 4).

Quem é esta mulher privilegiada? E' Maria, "de quem nasceu Jesus, que se chama Cristo" — como observa o Evangelho. (Mat. 1, 16).

Maria é, portanto, a Medianeira (secundária embora) mas sem a qual não teríamos o único Mediador — Jesus Cristo Homem.

Não é claro? Ou admita isto, ou rasgue as Epístolas de S. Paulo e tôda a narrativa da Encarnação.

Quanto ao mais que o protestante afirma de Maria Santíssima, tudo ótimo. Por que não tira daí tôdas as consequências lógicas? Certamente, porque não é sincero.

Maria é "bendita entre tôdas as mulheres, por ter sido a nobre e digna Mãe de Jesus" — diz o seu credo.

E' Mãe de Jesus? Então é Mãe de Deus, pois em Jesus só existe uma pessoa divina; Jesus é Deus; Maria é Mãe desta pessoa, pois gerou-a com uma natureza nova; logo, é Mãe de Deus.

"Ela é digna Mãe de Jesus" (portanto

digna Mãe de Deus). Logo, foi Imaculada, sem pecado desde sua concepção, porque não é admissível que fôsse digna Mãe de Deus quem foi antes escrava de Satanás, não é mesmo?

"Foi digna Mãe de Jesus"; logo, inconcebível que maculasse depois a sua virgindade, perdendo-a como ensinam os protestantes. Para ser digna Mãe, havia de honrar tão insigne maternidade. Se o protestante não admite isso, não é sincero nem lógico.

"Ela foi redimida" — diz o protestante. Perfeitamente, a Igreja Católica ensina isto. Ou melhor: foi *pré-redimida*, pois os frutos da redenção foram-lhe aplicados antes de a redenção se efetuar como fato histórico; caso contrário, como seria digna Mãe de Jesus se não fôsse redimida antes, ou *pré-redimida*, de vez que o fato da Redenção só se deu depois de sua maternidade?

Pois é o que a Igreja ensina. Nossa Senhora foi Imaculada desde sua concepção porque, por uma aplicação antecipada dos méritos do Redentor, não contraiu a mancha original que devia contrair se não fôra assim predestinada para Mãe de Deus.

Logo, foi redimida por Jesus do débito do pecado e foram-lhe aplicados os frutos da Redenção tão logo lhe foi criada a alma e unida ao corpo, e isto para que Ela fôsse digna Mãe de Jesus como quer o nosso pro-

testante. Deus que a criou não podia porventura fazer isto? Ou carecia de uma licença dos protestantes?

"Todos os Santos estão no céu, procurando os protestantes conhecer-lhes as vidas para melhorarem ainda mais as suas" — prossegue o nosso escrevinhador.

A propósito dêsse artigo do seu "credo", meu caro protestante, quero sòmente perguntar-lhe duas cousas.

Primeira: quais são êstes santos de que você fala? O protestantismo não tem nenhum. São os da Igreja Católica? Ela e sòmente ela canoniza Santos.

Então vocês, protestantes, acreditam já que os santos estão no céu? Parabéns! Ou você fala disto para iludir os católicos? Então, confirma-se o que eu disse: você é lobo em peles de ovelha.

Segunda pergunta: se você acredita que os santos estão nos céus, porque não acredita que êles são íntimos com Deus? Nada mais íntimo que morar na mesma casa e gozar das mesmas alegrias que o dono desta casa.

E se são íntimos, porque nos não podem êles valer, por sua intercessão, diante de Nosso Senhor?

XVI

OS SACRAMENTOS

"Aceitam os sacramentos instituídos por Jesus Cristo, i. é, o sacramento do Batismo e da Comunhão (Eucaristia)".

De novo, a velha esperteza que quer iludir os católicos. Ora, tôda a gente sabe que os protestantes não adotam a comunhão. Atacam a presença real de Cristo na Eucaristia.

Dentre êles os que arremedam o divino mistério para se dizerem observantes do Evangelho adotam apenas um ágape sem nenhum valor sacramental, de aspecto sòmente comemorativo.

O próprio Batismo, muitos Ministros protestantes o têm a título de mera cerimônia de entrada no reino de Deus, desvirtuada de qualquer capacidade para conferir a graça divina. Aliás, o conceito da justificação para a maioria dos protestantes é uma simples "imputação externa dos méritos de Jesus" sem

nenhuma transformação interna pela graça.

Como falar então de sacramentos? Apenas, a mania de se apropriar de termos que só a teologia católica possui e que, portanto, somente ela pode interpretar.

O amigo fala de sacramentos instituídos por Cristo. Que entenderá êle por "instituir um sacramento"? Êle dá a entender que Cristo só instituiu dois: Batismo e Eucaristia.

Mas o Novo Testamento nos fala doutros sacramentos; por ex.: a Extrema-Unção está contida em Tiago 5, 14-16; São Paulo nos fala do Matrimônio como grande sacramento, em Efésios, 5, 32. A Confirmação é mencionada em vários textos dos Atos dos Apóstolos, como: 8, 14-18 e 19, 1-7. A Penitência foi também expressamente instituída por Jesus Cristo. (João, 20, 23). A Ordem está contida em a narrativa da instituição da Eucaristia e é claramente lembrada por S. Paulo em I Tim. 4, 14; II Tim. 1, 6 e Tito 1, 5 e está referida, também, nos Atos, por ex. nos capítulos 6 (v. 6) e 13 (v. 3).

Expressamente, e de modo claro, o Evangelho só apresenta como instituídos por Cristo o Batismo, a Eucaristia e a Confissão (e não só o Batismo e a Eucaristia, como diz o nosso protestante). Entretanto, como vimos acima, aparecem noutras partes da Escritura ritos sacros que conferem graças. E como

sòmente Jesus Cristo podia instituir ritos para conferir graças, deduz-se claro que êles devem ter sido instituídos por Jesus Cristo, ainda que o Evangelho não narre expressamente sua instituição.

E' isto uma prova a mais de que o Evangelho não narrou todos os feitos de Nosso Senhor. O fato revelado da existência de outros sacramentos (ou seja, ritos que conferem uma graça em ordem à santificação), está na Escritura, como vimos. Logo, êstes sacramentos foram instituídos, e só o podem ter sido por Jesus, o único que tinha autoridade para isto.

Por que, pois, os protestantes não adotam os demais sacramentos? Só há uma razão: querem protestar contra a Igreja... Ora, meu caro amigo, o protesto contra a Igreja, no caso, redundaria em protesto contra a Escritura, que vocês dizem ser a única regra de fé.

"Quanto à confissão — conclui o panfletista — seguem (os protestantes) o ensino do Evangelho, que ordena que nossos pecados sejam levados a Deus, com sincero arrependimento para recebermos o perdão".

Só queria eu saber do amigo protestante onde o Evangelho "ordena que nossos pecados sejam levados a Deus". Não sei em que

Evangelho, em que capítulo, em que versículo. Seria em algum apócrifo de São Bartolomeu ou de S. Judas? Diga-me, por favor, impagável protestante, onde se lê esta formal ordem do Evangelho?

O que aí leio é outra coisa: "*Aquêles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos*". (João, 20, 23). Isto é o que leio, e foi dito a homens que receberam missão divina.

Logo, é a êles e seus sucessores, entendendo, que Cristo queria que se levassem os pecados, para que êstes homens os julguem a verem se devem ser perdoados ou se devem ser retidos. Também na Epístola de Tiago leio: "*Confessai uns aos outros vossos pecados*" (Tiago, 5, 16), e não que os confessemos a Deus.

Seu Evangelho, meu caro protestante, é diferente. O texto de que você fala só existe na sua mioleira, não nos livros santos. Êstes dizem o contrário.

XVII

UMA CONCLUSÃO FINAL

Ponhamos termo a estas considerações sobre o boletim intitulado: "Que é um protestante".

Já podemos, agora, saber o que seja de fato um protestante: é um lobo em peles de ovelha. Quer entrar no rebanho de Jesus Cristo para devorar e destruir, não para construir.

O protestantismo, que no boletim em aprêço se nos mostra de cara nova, dizendo que seu "credo" é o mesmo da Igreja Católica, está desmascarado.

Fica aí provado que não há e não pode haver união entre Protestantismo e Catolicismo. Não se pode o católico iludir com a linguagem melíflua do protestante maneiroso. O protestantismo é a negação do catolicismo, embora apareça com o nome de Jesus e de Bíblia na mão.

São Paulo dizia aos cristãos de sua época: "Ainda que um anjo do céu apareça en-

sinando outro Evangelho diferente do que vos ensinei, seja êle anátema" (Gál. 1, 8).

O mesmo e com mais razão poderia Jesus Cristo dizer e o pode a Igreja afirmar, como legítima depositária das verdades ensinadas por Cristo. Não há Anjo que possa contraditar a Nosso Senhor e à sua doutrina. A não ser o Anjo das trevas, o Demônio.

Ora, a Igreja viveu quinze séculos ensinando a doutrina do Evangelho e condenando todos os erros e heresias. No século XVI apareceu o Protestantismo, nova heresia, e, em nome do próprio Evangelho, veio contraditar esta Igreja antiquíssima, e a todos os seus doutores e Santos Padres, que não ensinaram senão em consonância com o Evangelho de Jesus Cristo.

Como julgar êste novo credo que assim se apresenta torcendo a seu talante os textos da divina Verdade?

De nenhum outro modo o podemos julgar senão de acôrdo com a recomendação de S. Paulo. Se é Anjo, então não pode ser outro que o Anjo das trevas.

Fora, portanto, com essas falsas doutrinas! Fora com os boletins de divulgação protestante! Fora com as Bíblias falsificadas!

Queremos um cristianismo legítimo. Um cristianismo calcado no Evangelho, sim, mas no verdadeiro Evangelho, guardado, ensina-

do, interpretado uniformemente pela autoridade que Cristo constituiu.

Jesus disse aos Apóstolos: "Quem vos ouve, a mim me ouve. Quem vos despreza, me despreza a mim". (Luc. 10, 16). "Se alguém não ouve a Igreja deve ser tido por pagão e publicano". (Mat. 18, 17). E a Pedro, pessoalmente, Ele disse: "Pedro, roguei por ti para que a tua fé não desfaleça". (Luc. 22,32).

E disse-lhe ainda ao prometer-lhe o mandato de Chefe da Igreja: "Sobre ti edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". (Mat. 16, 18).

Nós cremos, portanto, que a Igreja de Cristo é a que se edificou sobre Pedro e seus sucessores.

Cremos que esta Igreja havia e há de prevalecer sobre todas as heresias e as portas do inferno não prevalecerão contra ela pelo erro e pela mentira.

Cremos que Ela, e somente Ela, pode interpretar, com divina autoridade e isenta de enganos, as Sagradas Escrituras.

Não condenamos os protestantes com os qualificativos grosseiros de que o nosso panfletista se queixa. Condenamo-los, porém, como cegos voluntários que não querem ver.

INDICE

Introdução	5
Os protestantes são honestos	9
A pregação dos pastores	13
O protestantismo democrático	19
O protestantismo e a cultura	27
Contra a Virgem Maria e o Evangelho	37
Ledor da Sagrada Escritura	41
Credo católico e credo protestante	49
A Igreja de Cristo... era protestante	57
Apostilas ao «Credo Protestante»	67
A Sma. Trindade, a Mãe de Deus e os ensinamentos de Jesus	71
Céu, Inferno e Purgatório	75
O sangue que nos purifica	79
O Chefe Supremo da Igreja	81
O culto em espírito e verdade	85
O único Mediador, a digna Mãe de Jesus e os Santos	89
Os Sacramentos	93
Uma conclusão final	97

CORRIGENDA

Pág. 25 — Nota — Onde se lê: “*Mit brenender sorgen*”, deve-se ler: “Mit Brennender Sorge”.

Pág. 61 — Nota — Onde se lê: “seu comando sempre se fixou na cidade de Roma”, deve-se ler: “seu comando supremo se fixou na cidade de Roma”.

Outros erros como “intrepreta” — interpreta — pág. 46 — são de fácil correção da parte do leitor.

LIVROS

PARA A ORIENTAÇÃO DE SEU LAR

CATECISMO DOS NOIVOS — Pe. Antônio Miranda, S. D. N. — O problema do lar não se resolve depois do casamento. Exige-se uma preparação séria para êle. E' o que nos explica e ensina o autor neste livrinho — cujas edições se repetem continuamente — explicando a natureza do sacramento do matrimônio, seus deveres, seus predicados, os erros contrários, prevenindo o jovem noivo na escolha de seu futuro cônjuge, ensinando-lhe a preparar-se para êste passo. (Procure-o com seu Vigário ou diretamente à nossa editôra). Cr\$ 6,00.

EDUCAÇÃO SEXUAL: — Pe. Casemiro Campos, S. D. N. — Para os pais e educadores foi um achado o livro do Pe. Casemiro. Não diz apenas qual deve ser a educação sexual da nossa juventude, mas ensina como transmití-la. "O jovem para o autor não é um ser platônico. E' aquêle jovem ali. E' êsse adolescente que êle vê, que está em suas mãos, que depende de sua palavra, de seu estímulo, de seu coração. E' o mocinho concreto que êle sabe estar às voltas com o mal, na sua casa, entre seus amiguinhos, na rua, na escola... Isso dá ao seu livro um caráter dramático, arrebatante". (3ª. edição em preparo)

Composto e impresso na
Editôra «O LUTADOR»
Instituto dos Missionários Sacra-
mentinos de N^a. Sra.
Manhumirim - Minas